

O IMAGINÁRIO DA SERPENTE NA POÉTICA MODERNISTA DE BOPP E LAWRENCE

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe

Avenida Marechal Rondon, S/n - Jardim Rosa Elze, São Cristóvão - SE, 49100-000, Brasil

(55) 79 2105-6600 | analealca@yahoo.com.br

Resumo: este trabalho apresenta uma leitura comparativa das obras modernistas *Cobra Norato* e *A serpente emplumada* de Raul Bopp e D.H. Lawrence, respectivamente, a partir do mito da serpente- um dos mais primitivos e conhecidos pelo homem.

Palavras-chave: literatura, modernismo, mito, serpente.

Abstract: This paper presents a comparative study on two modernists works *Cobra Norato* and *The plumed serpent* by Raul Bopp and D.H. Lawrence, respectively, considering the myth of the serpent- one of the most primitive known by men.

Key-words: literature, modernism, myth, serpent

Introdução

A arte e a cultura são construções estéticas, históricas e sociais nas suas formas próprias de ser que testemunham o longo, natural e agônico processo de evolução da consciência humana e de civilizações do mundo. A literatura enquanto arte refaz a trajetória do espírito humano dentro do campo aberto do imaginário, através dos modelos oferecidos pela cultura.

No contexto da literatura destacamos a estética modernista, que se instalou como um movimento de grande importância para a criação artístico-literária, servindo de escape para o desafogo do “mal-estar” promovido pelo pós-guerra que grassava no Ocidente, no início do século XX.

Era preciso extravasar, superar a sensação de vazio que a guerra deixara. Alguns modernistas, a exemplo de Ezra Pound, T.S. Eliot (imagistas), D H Lawrence, Raul Bopp, entre outros deixaram registradas em suas obras marcas da ressaca depressiva da época, expressando a banalidade da vida, o isolamento, a incomunicabilidade, tematizando as transformações no mundo moderno.

Emerge nessa época um expressivo e ousado acervo de obras que indicam caminhos paralelos e simultâneos: um experimental, que busca romper com os códigos de representação e sensibilidades vigentes; outro, que propõe uma reinterpretação criativa e crítica do passado e das tradições.

Os intelectuais modernistas passaram a pautar suas reflexões, rearticulando as dicotomias tradição e modernidade, universal e particular, inaugurando, assim, uma nova forma de representar as mais diversas culturas, entre eles destacamos Raul Bopp e D.H. Lawrence.

O desejo de abarcar a totalidade e diversidade da cultura fez com que muitos modernistas realizassem viagens em intensas atividades de pesquisa na busca dos “cacos” daquilo que outrora foi repositório da nossa cultura primeva, registrando com suas câmeras e suas etnografias as histórias, o linguajar popular e regional, os rituais e as danças, tentando conhecer suas manifestações artísticas, seus contos, lendas e mitos. Os processos de mitificação e simbolização artístico-culturais também estão enredados com a lógica dessa reconstrução de mundo. O mito, instrumento de estruturação da narrativa, tornou-se próprio do estilo modernista.

O poeta e romancista inglês David Lawrence, para curar a ressaca do pós-guerra busca um lugar para estabelecer uma comunidade ideal; segue para o extremo sul do Novo México, atendo a um convite de Mabel Luhan, O isolamento do lugar lhe oportunizou contato direto com a população mexicana e o fez experimentar uma sensação de renovação e alívio apesar de já bastante avançada a tuberculose.

Lawrence encontrou naquele lugar que lhe pareceu mágico a mais pura natureza, como nunca conhecera em sua terra natal Nottingham, cidade desfigurada pela mineração de carvão; inspirado por esta, escreveu alguns ensaios, além do romance *The Plumed Serpent* (1926), aproximando-se de um passado primitivo.

O termo primitivo, no sentido mais generalizado, refere-se a um estado original. Denota os tempos das experiências humanas pré-históricas, sociais e religiosas; refere-se igualmente a sociedades como a dos astecas repletas de histórias antigas altamente desenvolvidas, hoje misteriosas ou de aparência exótica comparada à época moderna.

O primitivismo refere-se às origens, aos estados puros, e representa o desejo utópico de empreender o “retorno”, recuperando traços irredutíveis da psiquê, do corpo, da terra e da comunidade, de reabitar a experiência do cerne. É esse sentido de primitivismo que se instala no pensamento modernista, inspira os escritores, despertando-lhes o desejo de conhecer inícios e fins previsíveis.

Para a antropóloga Mariana Torgovnick, O homem civilizado somente vivencia esse estado “nirvânico” – em que ocorre a sensação de fundir-se com o universo, com a mãe natureza – quando participa dos ritos de passagem, da comunhão coletiva com o Outro. No seu entender, os textos antropológicos forneceram aos leitores experiências vicárias, e serviram para avaliar a vida nas grandes potências que vivenciaram o terror e o caos da guerra.

Para Jung, o fascínio pelo primitivo, que tomou impulso ainda nas duas primeiras décadas do século XX e que se estende até a contemporaneidade, pode nutrir desejos proibidos de questionar normas ocidentais ou delas se evadir. Igualmente pode nutrir desejos intensos de invadir a ideia do *ego* autônomo, capaz de fundir-se ou conectar-se com forças vitais chamadas libido,

que segundo Jung, trata-se de “um *appetitus* em seu estado natural” (JUNG, 1986, p. 123).

Figuras como Raul Bopp e D. H. Lawrence participaram durante a década de 1920, no Amazonas e México, respectivamente, desse movimento que parte da ideia do primitivo para as emoções espirituais, colocando-o em prática em seus ensaios, romances ou poemas.

Tocados por um “encantamento” proveniente das suas experiências nas longínquas terras da Amazônia e do Novo México, Bopp e Lawrence vivenciaram os arquétipos do Grande Feminino expresso pelo mito serpentina, uma imagem primordial fora dos limites do tempo e do espaço, que vem operando na psique humana desde os primórdios da humanidade. A expressão simbólica desse fenômeno psíquico são as imagens da Grande Mãe, reproduzidas nas suas criações artísticas.

Imbuído de propósitos renovadores para a literatura modernista, Bopp e Lawrence recriam um mundo pelo viés do mito; não um mito qualquer, mas o da serpente, que pela própria condição biológica troca de “casca” (pele), renova-se continuamente, o que ilustra a incessante busca de identidade do homem contemporâneo.

Tão antigo na sua trajetória existencial e, ao mesmo tempo tão moderno no seu significado de renovação, o mito da serpente é evidenciado nos textos de ambos, como que a encarnar o ideal de todo ser humano: a conquista da individualidade. Para Jung, as mitologias primitivas irrompem, de tempos em tempos, na mente de cada um de nós, exatamente, por ser um componente presente nas profundezas do inconsciente coletivo, que revela grande parte das nossas ansiedades e segredos.

Nesta perspectiva o mito serpentina, no caso do Brasil, supunha não apenas a liberação do jogo da civilização, mas da religião imposta pelo colonizador, das leis do comércio, da industrialização, enfim, de todo sistema ocidental burguês. A Amazônia verdadeira, a da floresta, dos rios e animais, mistura-se à imaginária, tecida pela tradição do indígena, herdada e enriquecida pelo caboclo que ali vive, recontando os causos da Cobra Grande- o mito fundante do poema de Bopp, *Cobra Norato*, cujo motivo condutor da narrativa é a busca

amorosa da filha da rainha Luzia – casa-se aos mitos indígenas numa espécie de “painel” de um Brasil diferenciado, modernista.

Cobra Norato é a saga de um eu poético que mergulha no mundo maravilhoso do sonho, encarna a Cobra lendária da Amazônia e segue para as “ilhas decotadas” – as “terras do Sem-fim” – em busca da mulher desejada, façanha que se realiza conforme a jornada do herói mítico descrita por Campbell (1993, p. 66), que se inicia com um afastamento deste do mundo civilizado,

Um dia
eu hei de morar nas terras do Sem-Fim

Vou andando caminhando caminhando
Me misturo no ventre do mato mordendo raízes

Depois
façopuçanga de flor de tajá de lagoa
e mando chamar a Cobra Norato

Agora sim
me enfio nessa pele de seda elástica
e saio a correr mundo

Vou visitar a rainha Luzia
Quero me casar com sua filha

No caso de Lawrence, o México parece ter-lhe proporcionado sensações similares a uma vastidão primal indiferente à humanidade o que lhe valeu a escrita de *A serpente emplumada*, em que descreve a terra como que a inspirar e encarnar a religião dos índios, que no seu entender tratava-se de “uma ampla e velha religião que outrora dominou a Terra, resguardada pelo deus Quetzlcoalt, a sábia serpente do povo asteca”.

A partir de materiais básicos oriundos de culturas ancestrais, Bopp e Lawrence elaboram o mito serpentário, dando-lhe nova roupagem. Jung afirma que há uma irrupção do inconsciente e, conseqüentemente, de mitos no ato criador. É uma leitura apurada e atualizada pelo artista dessa imagem primordial que o criador extrai do inconsciente, aproximando-a do consciente,

atualizando-a no seu discurso, concretizando pela persona poética essas imagens ancestrais, de forma que elas sejam entendidas e lidas agora, no mundo contemporâneo do autor.

A partir deste pensamento é possível comparar a permanência da serpente mítica em obras produzidas por autores de continentes e culturas diferentes, admitindo que a semelhança de visão entre os dois escritores deve-se mesmo ao *inconsciente coletivo* que tanto na literatura europeia quanto na literatura brasileira está representado nos mitos eternos, que fundam os seus textos.

A remitologização da serpente na literatura modernista de Lawrence e Bopp se justifica pelo fracasso do modelo da civilização moderna que exigia que as consciências se voltassem sobre as formas de viver – mesmo que primitivas – na procura de novas formas de pensar e de agir. A serpente, constituindo-se um verdadeiro mito de origem ilustra magistralmente a busca pelo primitivo.

Bopp e Lawrence são escritores que revisitaram o arcaico nabuscado *locus amoenus*, refugiaram-se no espaço imaginário em que se situam as imagens edênicas com o vigor do seu primitivismo paradisíaco e ficaram em êxtase com a redescoberta da natureza primal.

Bopp traz de volta a cobra ctônica, que se arrasta dentro das matas, que desliza na lama, habita as grotas e fontes. Seu personagem Cobra Norato representa a serpente do Paraíso, verme sem nenhuma evolução. Lawrence, por sua vez, cria no seu texto imagens da serpente menos primitiva, mas igualmente arcaica. Em ambas as obras destacam-se animais de grande força, com movimentos rápidos que conotam, talvez, a fugacidade do tempo tão enfatizada pelos modernistas.

É imperioso observar que, embora sejam obras representativas da modernidade pós-guerra, no contexto das narrativas *Cobra Norato* e *A Serpente Emplumada*, a cobra está configurada tanto como dragão – uma imagem arquetípica da Grande Mãe que representa a consciência mais evoluída quanto corresponde a serpente das origens, da fase inocente da pré-consciência.

O dragão é para os chineses um símbolo da guerra que se apresenta como animal significativamente híbrido, uma serpente com asas que cospe fogo e tem pés com garras, o que o associa às armas de fogo. Simbolicamente, ele representa o conhecimento profético pré-consciente do homem. Suas asas significam o espírito alado que sonda as alturas e, ao mesmo tempo, representa

a pureza dos pássaros. Suas garras significam o domínio da terra. Por último, o fogo que cospe tem dupla figuração: como fogo abrasivo, conota o conhecimento, o *logos* adquirido pelo homem na sua fase de evolução da consciência; como fogo letal refere-se à malignidade da Serpente primitiva.

A criação de Lawrence é fiel à visão europeia do mito que representa a serpente como um deus salvador que está no altar, cujos olhos e coração são feitos de pedras preciosas, que se veste com saia de plumas e possui uma história quase humana (antropomorfizada).

Como muitos escritores latino-americanos, Bopp tanto cultua a natureza, trazendo a cobra das matas e dos rios, com suas experiências nativas, com o sentimento regionalizado, sensações próprias de um animal vinculado ao chão, quanto evolui da fase essencialmente primitiva ao dar voz e sensação humana ao animal. No seu poema épico, os animais falam, o que torna a Cobra mais próxima da Serpente Emplumada, desvelada no texto de Lawrence.

A Serpente Emplumada, que trata da aventura da irlandesa Katherine nas terras primitivas mexicanas, descreve uma revolução contemporânea no que diz respeito à forma e ao sentimento religioso baseado na revivificação do culto mesoamericano do deus Quetzalcoatl. O romance destaca não só o padrão de aversão e atração da protagonista em relação àquela terra que lhe parecia pesada como “as dobras de uma grande serpente”, mas, igualmente, a linguagem e o espetáculo do culto ao deus pagão Quetzalcoatl, que culmina quase sempre com o sacrifício de sangue.

O autor estabelece nessa narrativa a possibilidade de regeneração e unificação cultural expressas através da personagem Kate, que se sentindo presa ao automatismo europeu de onde “queria sair, desembaraçar-se novamente” (p. 44), partiu em busca de novos horizontes, da descoberta de si mesma. No seu tear artístico-literário Lawrence entrelaça o “fio” da narrativa ao da cultura, de modo a ligar os continentes europeu e americano.

Concluindo, ressaltamos que como artífices ambos os escritores vão transformando, no exercício do “fazer literário”, um simples discurso em algo imediatamente significativo graças ao peso e à repetição das palavras, que dançam a dança que estão interpretando. Aos poucos, Lawrence e Bopp dão forma às suas prosas rituais em que se inscreve o hipnótico bater dos tambores,

a dança exótica dos nativos, o espírito e a magia da serpente alada, que juntos corroboram com a teoria da unificação dos contrários, defendida por Jung. O que corresponde à ideia de Gilbert Durand, para quem a mitologia é condição indispensável e matéria prima de toda arte, é o solo único em que pode brotar as obras de artes.

Referências bibliográficas

- BOECHAT, Walter (org.) *et.al.* Mitos e arquétipos do homem contemporâneo. Petrópolis: vozes, 1996.
- BOPP, Raul. Cobra Norato. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- BRUNEL, Pierre (org.) Dicionário de mitos literários. Tradução Carlos Susseking *at.al.* Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1997.
- CAMPBELL, J. O herói de mil faces. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CARDOSO, A. L.; GOMES, C. M.; SANTOS, J. F. (orgs.). O arquétipo do mal em Alina Paim. In: Sombras do mal na literatura. P. 209-225. Maceió: EDUFAL, 2011.
- CHINEN, Allan B. A mulher heróica. Tradução Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo: Summus, 2001.
- DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ELIADE, M. O mito do eterno retorno. Tradução Manuela Torres, Rio de Janeiro: Cultrix, 1996.
- JUNG, C.G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. F. da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.
- , O homem e seus símbolos. Tradução Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- LAWRENCE, D.H. A serpente emplumada. Tradução de Aurea Weisenberg. São Paulo: Tecnoprint S. A., 1989.
- MELETINSKI, E.M. Os arquétipos literários. Tradução Aurora Fornoni Bernardini *at al.* São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- MELLO, Ana M. L. de Poesia e imaginário. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- NEUMANN, Erich. A Grande Mãe. Tradução Fernando Pedroza de Matos, Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo: Cultrix, 1997.
- TURCCHI, M.Z. Imaginário e gêneros literários. Brasília: UNB, 2003.